

Nova queda nos títulos da dívida do Brasil

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — As cotações das dívidas externas do Brasil e da Argentina despencaram no mercado secundário nos últimos dias, revelando a apreensão dos credores. Cada dólar do débito brasileiro valia 54 centavos há três semanas, mas ontem esse valor era de apenas 39 centavos, uma diferença de quase 30%. Os papéis da dívida argentina, que estavam a 50 centavos, caíram para 38 centavos.

A queda era explicada ontem, em Nova York, como consequência de dois fatos recentes: o fracasso da visita do Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, a Washington, na semana passada, e a vitória dos peronistas, na Argentina, que espalhou pelo mercado o temor de que o Governo de Raul Alfonsín, acuado pela oposição, venha a adotar uma moratória semelhante à do Brasil.

Martin Schubert, Presidente da European Interamerican Finance Corp, e um dos criadores do mercado secundário, disse ao GLOBO, ontem, que as possibilidades de utilização da dívida brasileira como moeda de negociação, hoje, são raríssimas:

— No mercado secundário, é o comprador quem faz a realidade da praça. O nível da dívida brasileira, hoje, é muito baixo porque o volume de negócios com ela é muito limitado. Afinal, não há como colocar essa dívida: ninguém quer comprá-la. Há uma incerteza muito grande — disse ele.

No mercado secundário, a dívida de um país pode ser negociada pelos

credores originais, ou seja, pelos bancos que emprestaram o dinheiro. As promissórias podem ser trocadas por papéis de outros países, ou mesmo ser usadas como moeda: elas podem ser transformados em investimentos no próprio país devedor. Sua cotação, na verdade, funciona como um termômetro da situação econômico-financeira do país.

Um outro especialista do setor, Ken Hoffman, da Shearson Lehman Brothers, previa ontem que a cotação dos papéis brasileiros e argentinos vai continuar caindo nos próximos dias. Sua recuperação, segundo ele, vai depender muito do início das negociações entre o Brasil e os banqueiros privados, no próximo dia 25, em Nova York, e também das conversas que o Ministro de Economia da Argentina, Juan Sourrouille, terá com a Diretoria do Fundo Monetário Internacional em Washington, nos próximos dias.

Sourrouille vem dizer que seu país não está satisfeito com os primeiros resultados de um acordo feito há pouco mais de um mês com o FMI.

— As coisas estão se complicando. Eu, se fosse credor do Brasil ou da Argentina, à esta altura estaria um bocado preocupado — comentou Hoffman.

● **FMI PESSIMISTA** — O relatório do Fundo Monetário Internacional que analisa o ano de 1986 e os primeiros meses de 1987 traça um quadro pessimista sobre a economia mundial, advertindo sobre uma nova deterioração das contas externas dos países em vias de desenvolvimento, e relatando que a dívida externa do Terceiro Mundo, ao final do ano passado chegou à cifra recorde de US\$ 1,1 trilhão, 9% a mais do que em 1985.